

Economia crescerá em ritmo menor

Brasil ■ Estudo do BNDES mostra que país terá as mesmas taxas de expansão do milagre econômico apenas no próximo século

GUILHERME BARROS

O boom do crescimento econômico do país vai ficar para o próximo século. Até 2002, o país deverá crescer a uma taxa média nada brilhante de 4% ao ano. Só depois é que o país estará pronto para um novo ciclo de expansão. São essas as previsões do BNDES no trabalho denominado Cenário Macroeconômico: 1997-2002.

Os autores são Fábio Giambiagi, Ana Cláudia Além e Florinda Pastoriza, do Departamento Econômico do banco. Há 10 anos que o BNDES não fazia esse trabalho. O último foi ainda na gestão Márcio Fortes, quando o banco defendeu o cenário de integração competitiva.

"Sabemos que os críticos podem achar que o crescimento que estamos prevendo é pequeno, mas é o que a gente acha possível", diz Fábio Giambiagi. O argumento faz sentido. O crescimento a taxas mais aceleradas faz parte de um processo gradual. Um país não passa da crise para o boom de uma hora para outra, apesar de ter quem acha que bastariam as reformas para isso. O próprio ministro do Planejamento, Antônio Kandir, chegou a prever taxas de 9% ao ano após a aprovação das reformas.

Os passos são bem mais lentos do que se pensa. Segundo o cenário do BNDES, o Brasil, hoje, atravessa uma fase de transição. Com isso, apesar de todos os esforços de Fernando Henrique Cardoso, com ou sem reformas, não será no seu governo, ou pelo menos no seu primeiro governo, que o Brasil voltará crescer 7% ao ano como no milagre econômico, da década de 70. Se Fernando Henrique não for reeleito, ele entregará a faixa presidencial ao seu sucessor com números similares aos do período José Sarney.

Números de Sarney — Tome-se o comportamento da renda per capita. No governo Figueiredo, de 1979 a 1984, não se alterou. No

período Sarney, no vácuo do Cruzeiro, cresceu 2,4% ao ano. A recessão de 1990 foi cruel para os anos Collor-Itamar, de 1990 a 1994: 0,6%. Já no governo Fernando Henrique, de 1995 a 1998, o crescimento previsto pelo BNDES é de 2,5% ao ano.

O salto maior da renda per capita se dará mesmo no governo do sucessor de Fernando Henrique, de 1999 a 2002, quando o BNDES prevê um crescimento anual da renda per capita de 2,9%. À primeira vista, pode ser um número nada fabuloso se comparado aos 6% ou 7% do período do milagre. Mas há que se levar em conta que, nas décadas de 70 e 80, o crescimento da taxa demográfica era de 2,7%. Já nos próximos anos, segundo projeções do IBGE, a taxa deve ficar em 1,2%.

O trabalho do BNDES indica outras tendências importantes. A primeira é de uma gradual redução do déficit público. De acordo com o cenário do banco, de 3,9% do PIB no ano passado, o déficit público deverá cair para 1% do PIB em 2002. A hipótese, neste cenário, é de que a reforma administrativa seja aprovada. Ou seja, não se deve esperar nenhum corte espetacular.

Desequilíbrios — Os desequilíbrios persistirão no setor externo, mas com tendência de melhora. O déficit comercial ficará este ano em US\$ 12,4 bilhões e no ano seguinte pulará para US\$ 15,4 bilhões, para depois começar a cair. Tratam-se, segundo o cenário do BNDES, de números administráveis em função principalmente da entrada maciça de investimentos externos. A previsão é de que, só este ano, sejam despejados de fora do país US\$ 18,9 bilhões em investimentos diretos. No ano seguinte, a previsão é de US\$ 23,8 bilhões, para depois se estabilizar na faixa de US\$ 20 bilhões a US\$ 22 bilhões até 2002.

A bola de cristal do BNDES

	Contas nacionais (Taxas de crescimento real - %)							
	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Consumo total	11,6	4,1	4,2	3,0	0,8	2,2	1,9	2,4
Consumo privado	11,2	3,6	4,5	3,2	0,5	2,0	1,7	2,0
Consumo Governo	13,3	6,0	3,4	2,2	1,7	3,2	2,7	4,2
Investimento	13,4	-0,9	10,6	10,0	3,0	3,0	10,0	10,1
Invest.Governo	-1,1	11,0	4,0	8,0	4,0	8,0	6,0	10,0
Invest.privado	15,8	-2,6	11,7	10,3	2,8	2,2	10,6	10,1
Exportações	-4,4	2,6	6,4	10,2	11,2	9,9	9,6	9,7
Importações	42,7	4,6	15,1	7,0	1,0	1,7	4,0	4,4
PIB	4,2	2,9	3,3	4,5	3,0	4,0	4,5	5,0
PIB per capita	2,8	1,6	2,0	3,2	1,8	2,8	3,5	3,8

	Balanço de pagamentos (em US\$ milhões correntes)							
	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Balança Comercial	-3115	-5539	-12431	-15451	-13990	-12981	-13576	-14429
Exportações	46506	47747	50448	54793	60161	65836	72113	79110
Importações	49621	53286	62879	70243	74151	78817	85688	93538
Juros líquidos	-8158	-9840	-9613	-10003	-10292	-10682	-11001	-11227
Outros serv. fatur.	-2790	-2820	-4032	-5153	-6580	-7790	-8946	-10173
Outros serviços não-faturados	-7652	-9047	-9410	-10286	-10014	-9828	-10028	-10259
Saldo conta corrente	-17742	-24347	-32412	-37630	-37414	-37610	-39655	-41955

Investimento direto (inclui portfólio) mais reinvestimentos, menos investimentos do país no exterior

Fonte: BNDES

	Déficit público (% do PIB)						
	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Governo central							
Juros reais	2,2	1,1	2,1	1,9	1,7	1,5	1,3
Nec.Fin.Primárias	-0,5	-0,4	-0,8	-0,7	-0,5	-0,6	-0,7
Nec. Fin. Operacional	1,7	1,7	1,3	1,2	1,2	0,9	0,6
Estados e municípios							
Juros reais	2,2	1,3	1,3	1,1	1,2	1,2	1,1
Nec.Fin.Primárias	0,2	0,6	0,2	0,3	-0,2	-0,3	-0,5
Nec. Fin. Operacional	2,3	1,9	1,5	1,4	1,0	0,9	0,8
Empresas estatais							
Nec.Fin.Primárias	0,1	-0,1	-0,4	-0,4	-0,3	-0,3	-0,3
Juros	0,8	0,4	0,4	0,4	0,3	0,3	0,3
Nec.Fin.Operac.	0,9	0,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
NFSP (Necessidade de Financiamento do Setor Público)							
Nec.Fin.Primárias	-0,3	0,1	-1,0	-0,8	-1,1	-1,2	-1,5
Juros	5,2	3,8	3,8	3,4	3,3	3,0	2,7
Nec.Fin. Operacional	4,9	3,9	2,8	2,6	2,2	1,8	1,2
Div.int.liq. setor público	21,4	28,0	29,8	28,8	29,7	30,2	30,1
Div.ext.liq. setor público	5,4	4,0	3,3	2,3	1,9	1,6	1,4
Div.liq.total setor público	26,8	32,0	33,1	31,1	31,7	32,1	31,0

(-) Os números com sinal negativo indicam superávit nas contas públicas